

POR QUE ELAS FINGEM O PRAZER?

*Maria Luiza Macedo de Araújo*¹

WHY DO THEY FAKE PLEASURE?

Resumo: O orgasmo tem sido uma das sensações mais valorizadas pelas mulheres na atualidade. A tradição cultural não valorizou o orgasmo feminino até meados do século XX quando, em função de movimentos que já vinham sendo fermentados há décadas, surgiu a contra-cultura nos anos 60, tendo uma das suas vertentes o movimento feminista. Uma das reivindicações deste movimento foi o direito ao prazer, desvinculado da procriação. O orgasmo passou, então a ser meta valorizada pelas mulheres. Porém, nem todas o vivenciam e muitas simulam-no por diversas razões. Este trabalho procura discutir a ligação entre o orgasmo feminino, a cultura e uma das formas que as mulheres utilizam para reduzir o conflito entre o comportamento valorizado socialmente, que se tornou símbolo da funcionalidade sexual feminina, e as suas reais sensações, que muitas vezes e por diversas razões, não inclui o orgasmo.

Palavras-chave: Orgasmo feminino; Cultura e sexualidade; Crenças.

Abstract: Nowadays orgasm has been one of the most valued needs by women. Occidental cultural tradition not value female orgasm until the middle of the twentieth century, about the sixties, when aroused the counter culture movement which included feminism. Right to the pleasure was one of the vindications of this movement besides sex without procreation. Orgasm became the valued aim by the women. But it isn't true that every woman achieves orgasm and some women fakes it for different reasons. This paper intends to discuss the link among female orgasm, the culture and the way that women use to reduce the conflict between the valued social behavior, symbol of female functionality and their real feeling that sometimes does not include orgasm.

Keywords: Female orgasm; Culture and sexuality; Beliefs.

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia. Doutora em Filosofia. Terapeuta Sexual.
e-mail: luaraujo.rik@terra.com.br

A cultura e a sexualidade

Ao modificar a natureza, o homem cria cultura e é influenciado por ela. Uma característica humana é, justamente, a possibilidade de criar a cultura, portanto, somos todos parte desta relação recíproca, que é a influência da cultura nas ações humanas e a influência do homem nas questões culturais.

Nosso comportamento é o resultados do nosso sistema de crenças e valores tal como o vivenciamos psicologicamente. O sistema de crenças é a organização psicológica e não necessariamente lógica de todas as crenças de um indivíduo (Rockeach, 1981). Os valores são o objeto de preferência ou de escolha do sujeito (Abbagnano, 1982).

Fishbein e Ajzen (1975) e Ajzen e Fishbein (1980), criadores da Teoria da Ação Racional, afirmam que o comportamento é, em última instância, o resultado de crenças. O modelo teórico criado por eles é informacional, pois afirmam que as diferentes crenças de um indivíduo são formadas a partir de como ele percebe a realidade interna ou externa. Há dois tipos de crenças formadas: as *crenças individuais*, como ele percebe a realidade interna ou externa e as *crenças normativas*, que são o que os referentes sociais pensam (igreja, escola, amigos, trabalho, mídia, enfim tudo que é social). As crenças individuais formam as *atitudes*, que são a maneira como cada pessoa avalia um objeto, podem ser positivas ou negativas. As crenças normativas formam a *norma subjetiva*, que é a importância que os referentes sociais têm para o sujeito. As atitudes e a norma subjetiva irão formar a *intenção* e esta é que vai determinar o comportamento. O comportamento retroalimenta as crenças individuais e as crenças normativas, que podem ser reforçadas ou transformadas. Então, o comportamento seria o resultado das inúmeras crenças do sujeito que se organizam de forma peculiar a cada um, algumas sendo valorizadas e outras, não.

A sexualidade feminina é determinada não só pelas vivências pessoais, como também pelo contato da mulher com a sociedade. As revistas femininas antes dos anos 60 tinham uma visão romanceada do sexo em que tudo terminaria no casamento, no marido, nos filhos e na felicidade que estes bens por si só proporcionariam. Da mesma forma, o cinema mostrava uma realidade ideal e romanceada. As diversas religiões também reproduziam este ideal do casamento e dos filhos como realização pessoal da mulher. As diferentes situações aflitivas que ela passava para controlar a gravidez, para lidar com a eventual infidelidade do marido eram omitidas e faziam parte do que não era falado. Vigorava a pedagogia do silêncio, que era a forma de lidar com a sexualidade através da omissão e do não esclarecimento, principalmente para o sexo feminino.

O orgasmo não era valorizado pela mulher neste contexto social. Kinsey e cols. (1954) em pesquisa na qual fizeram uma “radiografia” da sexualidade feminina nos Estados Unidos, provocando um grande impacto mundial, afirmam que 10% das mulheres pesquisadas e que eram casadas sequer sabiam o que era o orgasmo. Devemos lembrar que estes pesquisadores trabalharam no final dos anos 40 e início dos anos 50 do século passado, portanto, há menos de 60 anos e no período do pós-guerra. O trabalho de Kinsey e cols. (1954) foi muito importante, pois abriu espaço para que outros pesquisadores realizassem trabalhos de forma objetiva, sem serem influenciados pela moral vigente. Masters e Johnson (1976a) realizaram uma importante pesquisa de laboratório na qual observaram o comportamento sexual masculino e feminino, utilizando mecanismos de avaliação funcional e puderam perceber as similaridades e diferenças entre o comportamento sexual de homens e mulheres. Como se já não bastasse a grande quantidade de dados obtidos, ainda fizeram cair determinados mitos concebidos como verdades científicas tais com a masturbação, que seria um comportamento perfeitamente adaptado e necessário ao desenvolvimento sexual humano, não tendo nada que prejudicasse o homem. Descobriram também que a mulher tem a capacidade de ser multiorgásmica e que os homens possuem um período refratário que os impedem de ter orgasmos múltiplos. Além disso, criaram uma forma de tratar as disfunções sexuais, que até então não tinham tratamento eficaz (Masters e Johnson, 1976b).

Outra pesquisadora que também foi muito importante para a pesquisa e terapia sexual foi Kaplan (1977, 1983, 1999), que partiu do modelo de Masters e Johnson (1976a) e o modificou posteriormente, acrescentando o desejo sexual e discutindo com detalhes as disfunções do mesmo.

Todas estas descobertas e pesquisas tiveram um impacto muito grande tanto no meio científico quanto na mídia. A sexualidade foi sendo discutida cada vez mais e com detalhes. As mulheres passaram a ser grandes consumidoras de revistas e livros que falavam de sexo e sexualidade. Mas não basta falar, a mensagem é decodificada diferentemente e de forma subjetiva pelas pessoas.

Como afirmamos acima, o comportamento é o resultado do nosso sistema de crenças e para entendermos melhor, é necessário fazer algumas considerações socioculturais. Os meios de comunicação, representados pela televisão, livros, revistas, teatro, cinema e Internet, entre outros, ao longo do tempo veicularam diferentes ideais femininos. As crenças normativas mudaram progressivamente, os referentes sociais passaram a veicular novas mensagens e a medicina fez descobertas que também transformaram a vida da mulher – uma das mais importante foi a pílula anticoncepcional.

Nossa cultura tem uma tradição fortemente falocêntrica na qual o homem afirma seu poder pela potência e dominação em todos os campos em que atua, o sexo está incluído como uma das áreas onde o homem se mostra mais vulnerável. Neste jogo de poder, coube à mulher a posição submissa (Nahoum, 1989; d'Avila Neto, 1980; Saffioti, 1987; Araújo, 1999). Os valores femininos cultivados incluíam a docilidade, sensibilidade e submissão ao poder masculino. A relação sexual era medida pelo grau de satisfação do parceiro, muitas vezes, sem importar se sua parceira tinha usufruído o mesmo prazer. Há cerca de um século muitas mulheres nem sabiam o que era orgasmo e poderiam se sentir desconfortáveis se percebessem sensações para elas estranhas, sinal de que talvez algo estivesse errado. O século XX foi palco de grandes transformações sociais, dentre elas, a liberação feminina, a conquista do direito de vivenciar a sua própria sexualidade sem vinculação à maternidade, ou seja, o prazer no sexo passou a ser um direito sem que estivesse condicionado ao casamento e à maternidade. A mulher lutou pelo seu espaço na sociedade e ser mãe e esposa, embora continuem importantes, não são suas únicas metas (Araújo, 1997, 1999). Além disso, aprendeu que o orgasmo é uma parte importante da sexualidade e que acompanha uma relação sexual satisfatória. Porém o que seria consequência de uma excitação progressiva culminando no clímax, se transformou em obrigação, mais ainda, na sua afirmação como mulher e também da sexualidade masculina, pois para alguns homens sua sexualidade não é medida apenas pelo prazer da relação e sim pelo poder que ele tem de proporcionar um orgasmo à sua parceira (se possível múltiplos) e não pela cumplicidade de duas pessoas que desfrutam de uma atividade sexual que, se não houver barreira psíquica ou física, irá terminar irremediavelmente no orgasmo.

Hoje, a mulher tem toda liberdade para dizer e demonstrar o que gosta, o que não gosta, como gosta e como não gosta. Ela saiu do espaço privado de sua casa e ocupou o espaço público, dividindo tarefas com os homens nas mais diversas atividades profissionais, chegando às mais altas esferas na ciência, na administração e na política. O casamento e a família feliz não é a única finalidade de sua vida. Ela quer mais!

Por que ela finge ter atingido o orgasmo?

A mídia bombardeia a todo o momento um ideal de mulher de corpo perfeito, super sensual, levando à fantasia de que esta mulher seria o ideal a ser perseguido. Porém, ela passou a ter medo de parecer não responsiva por não atingir o orgasmo “meta suprema” do encontro sexual. Existem aquelas que

simulam ter atingido o “precioso” orgasmo com medo de serem consideradas menos fêmeas pelo seu parceiro, ou seja, insegurança quanto à relação, exigência pessoal ou do parceiro de uma performance espetacular a cada relação sexual, medo de perdê-lo se não for responsiva, ou mesmo, incompatibilidade entre suas reações físicas e o que imagina que seriam as ideais, ansiedade de desempenho, sistema de crenças incompatível com o comportamento e culpa pela possível não satisfação do parceiro com sua não responsividade estão entre as possíveis causas (Kaplan, 1977).

Muitas vezes este comportamento se perpetua e o tratamento da anorgasmia deverá levar em conta os fatores interpessoais e intrapessoais, ou seja, quem é esta mulher que finge? Por que ela finge? Como está a relação com o parceiro (se o tiver)? Se não tem parceiro, até que ponto sua disfunção sexual afeta a disponibilidade em procurar um companheiro? Como sabemos, as causas de disfunção sexual são múltiplas, podem variar de simples desconhecimento do próprio corpo e suas reações até sérios problemas intrapessoais. O terapeuta sexual deve estar atento para todas as possibilidades que causem a anorgasmia de sua cliente, assim como, discutir com ela que, se a mulher tem o direito de ter orgasmos, também tem o direito de não tê-los e a conversa franca com o parceiro é a melhor forma de encarar a sua dificuldade (Andrade-Silva, 2003).

Uma primeira abordagem seria identificar as ansiedades da cliente em relação à sua sexualidade, se tem liberdade para dizer o que gosta e o que não gosta, se conhece bem o seu corpo, discutir o seu sistema de crenças, suas fantasias e inseguranças. Depois, então é que, a partir da realidade específica da cliente, do seu relacionamento com o parceiro, se tiver algum, ou mesmo discutir fatores que a levam a se sentir rejeitada ou não, da avaliação da sua autoestima é que poderemos utilizar as tarefas sexuais. Isto significa que precisamos, em primeiro lugar, saber quem é esta mulher que finge e como ela vivencia sua sexualidade para depois, então, utilizar os recursos da terapia sexual.

Considerações finais

A simulação do orgasmo por parte das mulheres pode ter múltiplas causas, como o simples desconhecimento do próprio corpo e a dificuldade de dizer o que sente e como gosta da estimulação sexual, mas também pode ser sinal de dificuldades maiores tais como a sua insegurança quanto à sua sexualidade, o medo da perda do parceiro, ansiedade e culpa em relação à sua própria vivência sexual. Este comportamento pode ser sinal de outras dificuldades

maiores. O terapeuta sexual precisa estar atento às questões sociais, pessoais e interpessoais que envolvem sua cliente para poder compreender o real significado da sua sexualidade ao longo da terapia.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1987.
- AJZEN, I. e FISHBEIN, M. *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewoods Cliffs, N. J., Prentice-Hall, Inc., 1980.
- ANDRADE-SILVA, M. C. Terapia sexual e inclusão social. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 14(2) 27-37, 2003.
- ARAÚJO, M. L. M. História crítica da sexualidade, em ANDRADE-SILVA, M. C., SERAPIÃO, J. J. e JURBERG, P. *Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa*. Rio de Janeiro: UGF, 1997.
- _____. A construção histórica da sexualidade, em RIBEIRO, M. (org.) *O prazer e pensar*. São Paulo: Gente, 1999.
- _____. *A sexualidade do universitário: uma pesquisa com estudantes do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF, 1985.
- D'AVILA NETO, M. I. *O autoritarismo e a mulher: o jogo da submissão macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1978.
- FISHBEIN, M e AJZEN, I. *Belief, attitude and behavior: an introduction to theory and research*. Philippines: Addison-Wesley Publishing Company, Inc., 1975.
- KAPLAN. H. S. *O desejo sexual*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *A nova terapia do sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- _____. *Transtornos do desejo sexual: regulação disfuncional da motivação sexual*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- KINSEY, A. C., POMEROY, W. B., MARTIN, C. E., GEBHART, P. H. *Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1954.
- MASTERS, W. e JOHNSON, V. *A conduta sexual humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976a.
- _____. *A incompetência sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976b.
- ROCHEACH, M. *Crenças, atitudes e valores*. Rio de Janeiro: Interciência, 1981.
- SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.